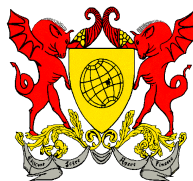


SAMUEL SILVEIRA

Objeto de estudo Geográfico em Milton Santos: em
busca da sistematização da vida

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2007

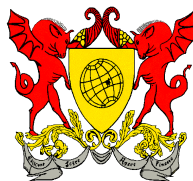


UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES
DISCIPLINA MONOGRAFIA
ORIENTADOR: EDUARDO MAIA
ALUNO: SAMUEL SILVEIRA

Objeto de estudo Geográfico em Milton Santos: em busca da sistematização da vida

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Geografia – Disciplina Monografia e seminário, para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2007



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES

Objeto de estudo Geográfico em Milton Santos: em busca da sistematização da vida

Este exemplar corresponde à versão final da Monografia de Bacharelado apresentada e defendida pelo aluno Samuel Silveira – Matrícula 45240, e aprovado pela Banca Examinadora em ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Ms. Eduardo Maia – DAH/UFV
(Orientador)

Prof. Dr. Ronan Eustáquio Borges – DAH/UFV

Prof^a. Dr^a Maria Isabel de Jesus Chrysostomo – DAH/UFV

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL

2007

O extraordinário desenvolvimento da “civilização” só trouxe como conseqüência o idiota alcançar um raio de ação jamais imaginado. O mundo tem hoje, pela primeira vez, o idiota global.

Millôr Fernandes

Do culto da economia e finanças ao culto do computador, da estatística e do número em si mesmo, acabamos num sistema religioso, cibernético e litúrgico, eletrônico e mitológico. E já não me espanto de saber que as mulheres do norte do país são 52% mais desdentadas do que as do sul, que as mulheres casadas de São Paulo são mais tendentes ao queixo-duplo (*doublé menton*) do que as mulheres cariocas da mesma idade e os garis (limpeza pública) têm narizes maiores em Belo Horizonte do que em qualquer cidade do Brasil. Não me espanto, mas acho lícito reagir com uma pesquisa própria, na qual descobri que os técnicos que fazem esse tipo de pesquisa são mandados à &=+!+?!**! 72% vezes mais do que a média das pessoas.

Millôr Fernandes

A quase totalidade das descobertas tecnológicas tem o lado negativo maior que o positivo. O automóvel virou instrumento de ameaça coletiva, a televisão impôs um condicionamento cultural insuportável, o telefone trouxe uma verdadeira neurose de anticomunicação e os computadores institucionalizaram a fraude financeira. Nesse campo, apenas duas são as contribuições realmente válidas e saudáveis do talento humano: a água encanada, um milagre diário em que ninguém repara, e, mais importante e quase sempre discreto: a luz elétrica.

Millôr Fernandes

Agradecimentos

Inicialmente agradeço a você que está lendo, seu esforço é o que dá sentido a este trabalho,

Agradeço ao papai Afonso Pereira da Silveira e a mamãe Cacilda Lazara de Oliveira Silveira, juntamente com todos os meus irmãos pelo amor, carinho, dedicação, paciência, auxílio, esforços... para minha formação pessoal desde os primórdios de minha vida,

Ao meu filho Raul Coessens Silveira pelos infindáveis momentos de alegria e reflexão, até mesmo para com este trabalho, quando me lembrara que Espaço é o céu infinito,

Ao meu mestre, Eduardo Maia que com sua *desorientação*, fora peça-chave nesse trabalho,

E por fim, à Sabotagem e a todos meus amigos e inimigos que condicionaram a ser o que sou.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	1
2. OBJETIVO	3
3. METODOLOGIA.....	4
4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	6
4.1. CONTEXTO DA GEOGRAFIA	6
4.2. REVISÃO SOBRE TRABALHOS ANÁLOGOS	11
5. REFLEXÕES	15
5.1. MOMENTOS 1978 E 1996.....	15
5.2. OBJETOS-AÇÕES E SEU 'PRESENTE' ALIENANTE	24
5.3. LUGAR; PERIFERIA DO SISTEMA ESPAÇO	28
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
7. BIBLIOGRAFIA	33

1. Apresentação

Este trabalho pretende entender como o pensamento de Milton Santos evoluiu do período de 1978 a 1996. Principalmente suas formulações a respeito do que considera ser o objeto de estudo da ciência geográfica. As obras utilizadas para análise foram *Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica* e *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. Reconheço a dificuldade de trabalhar formulando sobre o objeto da ciência; e por isso propus abordar o tema de forma objetiva e simples (assim espero).

Início a discussão com a história da ciência Geografia narrada por alguns autores, evidenciando paradigmas e objetos característicos a cada momento. Em seguida apresento informações sobre trabalhos de mesma natureza, destacando parâmetros relevantes a este tipo de pesquisa.

Quanto à ‘reflexão’ desta monografia, é construída em três partes, a inicial focando os momentos históricos referentes a cada obra em estudo; em seguida é abordado o presente, quanto a atualidade e também ao conteúdo apresentado pelos objetos e as ações; e, por fim, abordo a questão do lugar, que como conceito pode nos permitir compreender a dimensão humana da teoria espacial de Santos.

Afinal, o que seremos? O que devemos (ou somos condicionados a) fazer enquanto Geógrafo? É uma questão perturbadora que neste momento acadêmico tentaremos manifestar. Perturbação – crise – que sei que irá nos acompanhar por toda a vida, mas, enquanto acadêmico devemos nos preocupar com o que é esta ciência e como devemos apresentá-la, como saber. Estar em crise é o motor propulsor deste estudo, que busca identificar, através dos ensinamentos de Milton Santos, o que seria o objeto de estudo desta ciência.

Pensar o mundo em que vivemos deve ser uma tarefa excitante ao geógrafo. Acreditamos que devido esta excitação, ficamos seduzidos a desvendar tudo, a realidade em sua totalidade. Imaginamos que podemos, ou devemos pensar a realidade do mundo em todos os seus aspectos, enquanto que cada ciência está limitada a uma parte desta realidade ou algum de seus aspectos¹. Este limite seria o objeto de estudo, o substrato em que cada ciência deva se debruçar buscando sua operacionalização, objetivando

¹ Cada ciência é autônoma, mas não é independente, tem como objeto uma parte da realidade, mas a realidade é uma só, por isso as ciências não podem ser independentes.

desvendar este “pedacinho” da realidade, que não deixa de ser também, uma totalidade. Quanto à Geografia, cabe se ocupar do Espaço Geográfico; quanto a este trabalho, há uma maior valoração à escala das relações “cotidianas”.

Marcado incessantemente pela multiplicidade de objetos que materializam em sua superfície, e pela força da imaterialidade das relações sociais em posse de objetos e nas suas ações; o Espaço, hoje mais global do que nunca, é o que nos une concretamente em sociedade. O mundo respeita um só marca-passo, neste caso um ‘sistema’ tecnológico e ideológico que estabelece frequência a ser seguida, como um motor que gera propulsão de maneira controlada e contínua, visando vencer as forças que gera atrito, é uma totalidade e é construído, ou melhor, conquistado pela técnica e pela filosofia humana.

2. Objetivo

Este trabalho tem como objetivo dialogar sobre alguns aspectos do objeto de estudo da ciência Geografia no pensamento de Milton Santos em dois momentos (1978 e 1996), o Espaço Geográfico, ou apenas Espaço. Partindo do pressuposto de que a conceituação é a base para se construir um referencial analítico de fazer ciência², não basta dizer “o que é” o Espaço, é preciso entender como se utiliza, opera suas categorias analíticas. Sendo o Espaço palco de muitas discussões em busca de melhores compreensões e explicações, sendo tanto objeto da ciência geográfica quanto condição e um mistério para com a existência da humanidade, faz com que diversos pensadores ao longo da história, explicasse (ou não) o que é o ‘Espaço dos Homens’.

O objetivo deste trabalho é compreender o Espaço, o objeto de estudo da Geografia, segundo a proposta tentadora de Santos³; que envolve noções de totalidade, de espaço como fator-instância social, de formação sócio-espacial, mediação técnica das relações sociais e sociedade-natureza, rugosidade, assim como reflexões sobre lugar, território, o espaço banal, a vida cotidiana.

² Fazer ciência necessita de fundamentos teórico-metodológicos para compreender. A filosofia designa uma metodologia que utiliza o teórico como instrumental para produzir conhecimento.

³ Não me preocupo em criticar a preposta de Milton Santos, ‘talvez’ fazer uma reflexão crítica. Acredito que sou, assim como uma grande parte das pessoas da comunidade geográfica, imaturo para aventurar em algumas eventuais críticas. Neste estudo propomos apreciar suas ‘representações’ metodológicas.

3. Metodologia

Antes de construir os passos metodológicos uma observação: traçar a metodologia proporciona a possibilidade de reproduzir a pesquisa, infinitas vezes. Entretanto, a natureza do trabalho e a própria dialética impossibilita sua reprodução em laboratório; os resultados serão diversos, segundo o contexto histórico e a conscientização do cientista. Contudo, nota-se que há padrões investigativos que coordenam uma pesquisa, e é o que irei esboçar neste item.

Este trabalho foi formulado em três momentos distintos e complementares antes das considerações finais. O primeiro e essencial, refere à seleção das obras a serem trabalhadas. A opção por Milton Santos foi influência acadêmica, destacando-o como um autor que revolucionou o pensamento geográfico e, pessoalmente, por possuir uma inquietação sobre o pensamento sistêmico proposto pelo referido autor. Quanto às obras, *Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica* de 1978, foram também selecionadas em função da análise de Ruy Moreira em 1988, que descrevera sobre os principais acontecimentos que marcaram os dez anos após a renovação da Geografia; mencionando que o 3º Encontro Nacional de Geógrafos da AGB em 1978 foi um marco na aglutinação do movimento crítico e na própria renovação geográfica. Neste encontro Milton Santos publica sua obra que, segundo Ruy⁴ (1988) é uma das obras que compõem uma trilogia⁵ fundamental que retrata tanto o contexto da renovação da geografia, quanto formula, sistematiza as idéias desse período; uma bibliografia básica como menciona Ruy. Quanto à outra obra selecionada, *A natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e Emoção*, consideramos esta sendo o resultado, do que o próprio autor, Milton Santos, em sua obra *Por uma Geografia Nova* chamou de seu projeto ambicioso. Em outras palavras, em 1978 Milton Santos esclarece sobre a necessidade de mudanças, de criação de uma teoria geográfico-social e em 1996 demonstra como formulou sua teoria.

⁴ MOREIRA, Ruy. *Assim se passaram dez anos (A renovação da Geografia no Brasil no período de 1978-1988)*. GEOGRAPHIA, Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. Niterói/Rio de Janeiro, UFF/EGG, Ano II, nº 3 (2000).

⁵ Os autores da trilogia são Santos, Lacoste e Quaini, suas obras estão explicitadas na bibliografia indicada; Ruy Moreira relata: “Mais que isso [renovação geográfica], elencou-se os temas chaves da recriação da geografia. Ai estão o *projeto unitário*, de Lacoste, a *teoria do espaço como história*, de Milton Santo, e a *tese da construção do espaço como construção da alienação do homem pelo trabalho*, de Quaini, elencados na seqüência espontânea com que aquela trilogia foi sendo publicada, como se a renovação fosse obra de um demiurgo”. MOREIRA, Ruy. *Op. Cit.*, p. 35-36.

O segundo momento, que refere-se à revisão bibliográfica, buscamos identificar alguns aspectos que envolvera a formulação/gênese da ciência em sua história acadêmica com seus paradigmas e objetos de estudo próprios a cada período. Especificamente em Milton Santos, ocorrera uma investigação buscando identificar o objeto de estudo da Geografia e como operacionaliza-o – operacionalizar remete à idéia de estar munido de uma teoria e suas respectivas categorias analíticas para investigar uma parte da realidade. E ainda, não menos importante fomos buscar em outros trabalhos teóricos similares, parâmetros eficazes para a cientificidade deste trabalho.

O terceiro momento que denominamos reflexões, construo um diálogo com o pensamento de Milton Santos nas obras em destaque. A reflexão visa construir uma comunicação envolvendo o contexto histórico da publicação das obras e as idéias nelas sintetizadas, ou seja, os fundamentos teórico-metodológicos propostos pelo autor. Buscamos amadurecer nossa própria capacidade de comunicação e interpretação e intencionamos contribuir com análises e reflexões, juntamente com outros da comunidade científica, sobre as obras de Santos.

Por fim, as considerações finais evidenciam uma síntese do exposto no trabalho, retratam algumas de nossas limitações e dificuldades que enfrentamos nesta busca de conhecimento. São apresentadas, também, algumas possibilidades futuras de investigações neste véis epistemológico.

4. Revisão Bibliográfica

4.1. Contexto da Geografia

A história da Geografia enquanto ciência é marcada por diversas etapas de construção – ou “desconstrução”! – do que seria o seu objeto; seu universo particular e o próprio ‘sistema’ de pensar esta parte do universo. Assim como os demais domínios das ciências observam-se alterações às filiações filosóficas, que acompanham os processos históricos da sociedade humana, em suas práticas teóricas, empíricas e políticas. Neste movimento permanente e intencional de novas descobertas que geram novas práticas e novas possibilidades.

O conhecimento geográfico “envolveria” conhecer as relações entre natureza e história, sendo alcançado, segundo Corrêa (2002), trabalhando com os conceitos *região* e *organização espacial*, “indicando a *via geográfica* de conhecimento da sociedade”; pois, se não tivéssemos o entendimento sobre *diferenciação de áreas*, não teríamos Geografia – idéia básica em geografia⁶.

Os fundamentos filosóficos da ciência geográfica em construção (finalizar do século XIX) se ‘esconde’ tanto nos deterministas⁷, quanto posteriormente no “hegelianismo/marxismo”. Os primeiros, deterministas, buscavam acoplar os fundamentos das ciências físicas (naturais) com os das ciências sociais, buscando encontrar leis e princípios para tornar a Geografia uma ciência moderna⁸; enquanto o segundo, os marxianos, mesmo contaminados pelo positivismo propõem uma abordagem fundamentada na produção material da sociedade, o materialismo dialético.

Corrêa (2002) chama atenção para dois processos importantes que ocorreram no final do século XIX, marcando a história do homem e da geografia; que foi por um lado a consolidação da fase imperialista caracterizada com suas poderosas corporações monopolistas e a progressiva acumulação de capitais que, por um lado, o processo de fragmentação do saber universal em várias disciplinas – cria-se departamentos de

⁶ CORRÊA, Roberto Lobato. *Região e Organização Espacial*. São Paulo: Ática. 2002. p. 8.

⁷ Segundo Milton Santos o determinismo se nutre tanto no evolucionismo quanto no positivismo.

⁸ O referido autor apresenta alguns autores como Ritter, Humboldt, Brun, Vidal de La Blache, Ratzel e Jean Brunhes, todos principistas; e menciona que: “A Humboldt devemos o princípio da geografia geral que Vidal de La Blache devia, em seguida, retomar, paralelamente à idéia da unidade da terra (outro princípio famoso). Ratzel é o responsável pelo princípio da extensão e a Jean Brunhes devemos o da conexão.” Cf. SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1986.

geografia nas universidades européias, e mais tarde, nas norte-americanas⁹. O mesmo autor apresenta cinco paradigmas ou correntes do pensamento¹⁰ distintos que caracterizaram as correntes do pensamento geográfico desde 1870 quando fora titulada disciplina acadêmica: o determinismo ambiental, o possibilismo, o método regional, a *nova* geografia e a geografia crítica.

O determinismo ambiental defende que as condições naturais (principalmente as climáticas) determinam o comportamento dos homens, basicamente configurando uma ideologia, tendo este caráter, tal postulado justifica uma exploração; pois busca explicar a sociedade com os mecanismos que se explica a natureza. Segundo Corrêa, Ratzel foi um grande organizador e divulgador na geografia o princípio “naturalista”, enquanto Ritter, em sua antropogeografia, mesclara as idéias das ciências naturais com idéias/ideais humanistas. A herança deste período foram as expressões como fator geográfico, condições geográficas, região natural e específico a Ratzel, “espaço vital”, referindo a uma organização orgânica provida/estabelecida pelo Estado e pelo Capital para sua própria reprodução.

Quanto ao possibilismo, manifestado na França final do séc XIX, na Alemanha no começo do XX e nos Estados Unidos nos anos 20; focalizava a relação homem-meio natural, mas diferente do determinismo onde o meio ‘determina’, nessa corrente, ‘possibilita’. Neste momento histórico a França estava em rivalidade com a Alemanha, e o surgimento desta corrente fora influenciado por três questões; desmascarar o expansionismo germânico, abolir a determinação natural sobre os homens e enfatizar a fixidez das obras humanas¹¹. Vidal de la Blache, mestre do possibilismo, de acordo com Corrêa (2002) considera a natureza detentora de possibilidades para o homem modificar e redefine gênero de vida, herdados do determinismo, não sendo mais consequência ‘natural’, mas devido aos hábitos, costumes, usos dotados de técnicas para utilizar os recursos naturais. Corrêa (2002) esclarece que “o objeto da geografia possibilista é, portanto, a região, e a geografia confunde-se, então, com a geografia regional”¹².

⁹ HUDSON, Brian. *The New Geography and the New Imperialism*. 1977, apud CORRÊA, Roberto Lobato. *Região e Organização Espacial*. São Paulo: Ática. 2002, p.8-9.

¹⁰ Roberto Lobato Corrêa apresenta outras denominações: Geografia tradicional, Geografia teórico-quantitativa, Geografia Crítica e a Geografia Humanista e Cultural. Ver CORRÊA, Roberto Lobato. *Espaço: um conceito-chave da geografia*. In: CASTRO, Iná Elias, et al. *Geografia: Conceitos e Temas*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand. 2003.

¹¹ CORRÊA, Roberto Lobato. *Op cit.*,2002, p.12

¹² *Ibid.*, p.13.

O método regional opõe-se aos dois paradigmas anteriores, pois, sua característica-propriedade não está na relação entre (natureza) o meio e os homens. Mesmo ‘desvalorizado’ por estar no meio da disputa entre as correntes anteriores, este tem como foco, a diferenciação de áreas; o objeto de estudo é esta diferenciação das regiões entre si mesmas. Nesta corrente, a partir dos anos 40, se destaca o norte-americano Hartshorne, para o qual a região, como cita Corrêa (2002) “não passa de uma área mostrando sua *unicidade*, resultado de uma interação de natureza única de fenômenos heterogêneos”¹³.

Até este momento a geografia é denominada tradicional, se estendendo desde sua institucionalização nas universidades (1870) à denominada revolução teórico-quantitativa nas décadas de 1950. Neste contexto, o conceito espaço não era o conceito-chave da Geografia, mas Região e Paisagem justificando que entre muitos geógrafos titulados como positivistas e historicistas não era prático abordar as localizações das atividades e os fluxos. Como mencionado, Corrêa destaca dois pensadores que abordaram o conceito Espaço em suas obras; Ratzel e Hartshorne. Quanto ao primeiro, “Espaço Vital” seria a palavra chave para sintetizar sua “antropogeografia” baseada em princípios ecológicos dotados de fundamentos políticos, considerando o Espaço orgânico conjugado com relações de poder vitais a preservação/dominação na história do homem. Já o segundo, considerava que os geógrafos devessem descrever e analisar os fenômenos espaciais segundo sua interação e integração, no entanto o Espaço seria absoluto, um receptáculo das coisas e que já tem em si existência, sendo através da intuição utilizado como um quadro de referência na experiência.

Num momento seguinte da história do mundo e da geografia, um momento de ‘renovação’ com proporções bem maiores à anterior, devido às inovações tecnológicas do pós-guerra. Com isso a geografia está diante de um ‘novo mundo’¹⁴, onde a ciência evoluiria tecnologicamente, as necessidades/utilidades sociais modificaram assim, o próprio objeto que a ciência se debruça alterara, uma nova sociedade surgira das cinzas da guerra.

Surgira a *nova* geografia em meados dos anos 50. Entretanto inúmeras críticas se impuseram a este período, que por mais que se equipava para ‘medir’ (técnicas

¹³ HARTSHORE, Richard. The Nature of Geograph.1939, *apud* CORRÊA, Roberto Lobato. *Região e Organização Espacial*. São Paulo: Ática. 2002, p. 16.

¹⁴ Uma nova divisão social e territorial do trabalho acompanhado de novas estruturas tecnológicas possibilitando uma nova dinâmica social-espacial.

estatísticas e geométricas), por ter introduzido a noção de sistemas e modelos, buscando leis empíricas segundo padrões espaciais, não se ocupavam em refletir o que fora medido. Desta forma, escamoteava as transformações sociais, justificando a expansão capitalista (papel ideológico), defendendo o estágio de ‘atraso’ dos países subdesenvolvidos como uma etapa ao desenvolvimento avançado.

Na corrente teórico-quantitativa, denominação também utilizada para caracterizar este período, o conceito Espaço passa a ser o conceito-chave desse pensamento. Considerado como uma planície isotrópica, digna de representações matriciais, o Espaço é ‘abordado’ por uma teoria derivada de um paradigma racionalista e hipotético-dedutivo juntamente com uma noção de centro-periferia com valores ‘econômicos’. Tendo sua superfície uniforme para tudo, homogênea, a diferenciação espacial se daria ‘basicamente’ pela distância, em outras palavras, a noção de hierarquia dos lugares centrais se daria em relação à uma área circular concêntrica relativizada pelo relação entre os objetos instruídos em respeitar ações econômicas e os mecanismos para superar as resistências das distâncias, quantificadas em custo.

A sublime utilização da linguagem geométrica tem lá seus prós e contras. Toda uma ação social rica em diversos valores e técnicas sufocados por leituras espaciais baseadas em conceitos de “distância, orientação e conexão” (NYSTUEN, *Identification of Some Fundamental Spacial Concepts*, 1968) ou análises locais em redes segundo HAGGETT (*Locationnal Analysis in Human Geography*, 1966) e HAGGETT e CHORLEY (*Network Analysis in Geography*, 1969) os termos seriam “movimento, rede, nós, hierarquias e superfícies” conceitos e termos apresentados em Corrêa em 2003. O privilégio dado à noção matricial da distância, mesmo desconsiderando os agentes e objetos sociais em transformação, a concepção espacial e lógica – representação matricial e topológica – contribuiu para a operacionalização das localizações e fluxos, hierarquias e especificações funcionais; colaborando para a compreensão da organização espacial.

A geografia crítica surgira com uma tarefa um pouco mais política (não desvincular produção científica do contexto histórico, nesse caso com índole marxista e uma ótica capitalista), em meio às circunstâncias que caracterizavam o capitalismo, cujo um vetor se apoiava no materialismo histórico e na dialética marxista, e que intencionava participar da transformação social. No esboço desta corrente no final do século XIX, se destacam geógrafos como William Bunge, David Harvey e Yves Lacoste. No Brasil, pautados na relação dialética entre formas espaciais e os processos

históricos, valorando a teoria marxista para o entendimento espacial, estão autores como Antonio Carlos Robert Moraes, Wanderley Messias da Costa¹⁵ e Milton Santos; que consideram a organização espacial, sua conceituação, base para a crítica geográfica, por integrar-se à uma dada sociedade. Esta corrente crítica, foi influenciada pelas obras Lefébvre, que compreendiam o Espaço vinculado a esfera social, entendido como Espaço Social, nunca absoluto e sempre acompanhado de uma prática social. Possui uma funcionalidade espacial devido aos objetos produzidos, este se envolveria na reprodução da sociedade, seria o *locus* da reprodução das relações sociais de produção¹⁶.

Corrêa, também, apresenta uma das contribuições referidas a Milton Santos quanto ao tratamento metodológico para a inteligibilidade espacial. Tratando-o como um fator do/no movimento social, sendo o que *é* graças à sociedade, ao mesmo tempo em que, a sociedade só pode se concretizar no Espaço; estabelece categorias analíticas associadas: *estrutura, processo, função e forma*. Esta associação se dá também devido à interdependência entre formação sócio-econômica, modo de produção e espaço.

Praticamente com a mesma idade da corrente Crítica, a Humanista e Cultural utiliza do conceito Espaço com outro significado, o de Espaço Vivido. Adicionado a toda uma revalorização conceitual, aspectos subjetivos de um tempo vivido, onde os sentimentos e as idéias em grupo a partir da experiência¹⁷, formam diversos tipos de Espaço. Neste pensamento o Espaço deixa de ser o conceito-chave, perdendo esta atribuição para o Lugar.

Tanto pelos aspectos subjetivos ligados à intuição, aos sentimentos, à experiência, ao simbólico, ao espiritual, quanto à diversidade dos lugares vividos e à personalidade, ou talvez espiritualidade dos lugares, o Espaço em sua totalidade parece que nessa corrente, perder valor diante do lugar, confiando a inteligibilidade do mundo à compreensão e não à explicação como propõem (crítica) os Críticos.

¹⁵ As obras referentes aos autores mencionados acima está listada na bibliografia indicada.

¹⁶ LEFÉBVRE, H. *Espacio y Política*, 1976 apud CORRÊA, Roberto Lobato. *Espaço: um conceito-chave na Geografia*. In: CASTRO, Iná Elias, et al. *Geografia: Conceitos e Temas*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand. 2003, p. 25-26.

¹⁷ “O espaço vivido é uma experiência continua, egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido ... (que) se refere ao afetivo, ao mágico, ao imaginário” HOLZER, W. *A geografia humanista – sua trajetória de 1950 a 1990*. 1992 apud CORRÊA, Roberto Lobato. *Op cit.*, p. 32.

4.2. *Revisão sobre trabalhos análogos*

Este item apresenta alguns trabalhos publicados com o mesmo viés discursivo proposto neste trabalho. Não necessariamente com o mesmo assunto, o objeto da ciência, mas referente à contribuição aos estudos geográficos. Evidenciado a importância de sempre reformular ou mesmo revisar os pressupostos teórico-metodológicos da ciência geográfica, trabalhos similares a estes buscam acompanhar as mudanças advindas do passar da história em sociedade, readaptando os instrumentos teórico-metodológicos à nova realidade que se impõe e aos novos conhecimentos ‘conquistados’.

Paulo Godoy¹⁸ em seu estudo publicado em 2004, *Uma reflexão sobre a produção do espaço* busca analisar as bases teóricas da noção da produção do espaço enfatizando-a na corrente crítica da geografia brasileira, levantando questões teórico-metodológicas na construção do conhecimento geográfico. O referido autor não recupera a gênese histórica do debate sobre a produção do espaço; seu estudo propõe uma discussão a partir de dois “conceitos-piloto” (des)construção e ‘rugosidades’ espaciais.

Godoy introduz seu estudo com a idéia da transformação da primeira natureza em segunda natureza e remete à Cícero, romano do século I a.C., a melhor definição deste assunto. Já a expressão “produção do espaço”, remete à Lefébvre no final dos anos 60 partindo do conceito de *produção*, fruto do conceito marxista de *trabalho* (princípio gerador do homem). Este geógrafo referindo-se à produção, descreve sua significação pautada no “trabalho morto” e na organização, além de um sistema de pensamento que o sustenta. Portanto, produção do espaço “é produção de objetos que articulam e organizam em suas funções específicas, intercâmbios sociais que envolvem o trabalho e a produção”¹⁹ ou seja, o espaço é um sistema de sistemas.

Pode-se pensar, então, que o espaço não é um objeto de análise mas um sistema de objetos. Interpretá-lo, portanto, na ótica de sua produção faz com que o espaço torne-se a dimensão empírica da organização das ações que o produz. A organização das ações emerge, por sua vez, de uma estrutura normativa e reguladora cujo movimento é dado pelos processos de transformações resultantes das relações entre trabalho e capital. Isto significa que as formas espaciais produzidas contêm elementos das partes e

¹⁸ GODOY, Paulo. Uma reflexão sobre a produção do espaço. *Estudos Geográficos*. São Paulo, v. 2, n.1, 29-42, 2004. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm>>. Acesso em: 11 jun 2007.

¹⁹ *Ibid.*, p.33.

do todo, como também elementos novos surgidos da generatividade dessas relações. A natureza mutante das relações sociais traz, por sua vez, mudanças na organização dos “sistemas de ações” e, portanto, na eficácia da funcionalidade das formas – nos “sistemas de objetos”. Nesse sentido, acredito que a análise da produção do espaço significa, também, uma análise da (des)construção do espaço produzido. (GODOY, 2004, p. 33).

A idéia de (des)construção já mencionada acima envolve a idéia de sucessões de mudanças, ‘mutabilidade’ como menciona o referido autor, seja da estrutura do tempo, do espaço e do pluralismo histórico. Em específico ao espaço encontra-se o outro conceito-piloto; ‘rugosidade’. Diversos autores expressaram seu ponto de vista sobre este assunto de diferentes modos desde o século XIX. Marx, Cavaillès, Bachelard, Chaghuilhem, Hegel, Engels são os mencionados por Godoy, e, em destaque Milton Santos por revisar a noção de rugosidade e reformular segundo heranças e novas funções sociais. Esta noção completa a noção de produção do espaço e a (des)construção de formas sociais dos lugares. Estes assuntos são tratados neste estudo, tendo como foco principal as obras explicitadas de Milton Santos.

Um outro estudo que trabalha questões conceituais é o publicado por Luis Carlos Tosta dos Reis²⁰ denominada *Por uma concepção dialética do espaço: o conceito de formação espacial em Milton Santos*. Como o próprio título sugere, o conceito chave deste estudo é formação espacial; e este trabalho menciona inicialmente, o quanto associado (derivado) este conceito está com a categoria Formação Econômica e Social (FES) marxiana, apresentando a gênese e fundamentos teóricos sobre esta categoria. Segundo Reis (2000), Santos recorre ao conceito Formação Econômica e Social para fundamentar sua proposta que envolveria o espaço, justificando o quanto é indissociável essa categoria do concreto. Quanto à dialética:

É essencialmente dialética a forma como Milton Santos encaminha sua proposição, na medida em que, ao indagar-se “se é possível falar de FES sem incluir a categoria espaço” (SANTOS, 1977, p. 10), parte da constatação (tese) da ausência do espaço nas análises orientadas pela categoria FES. Ao explicitar, no desenvolvimento de sua proposta, que a categoria FES, por seus traços constitutivos, não pode prescindir da dimensão espacial (antítese), esse autor nega a ausência do espaço nas análises orientadas pela categoria FES e propõe, assim, uma síntese: a formação socioespacial, ou, para abreviar, formação espacial. (REIS, 2000, p. 64)

Reis (2000) considera que as propriedades da Formação Econômica e Social centrais para a elaboração do conceito de formação espacial são: a) ser indissociável do concreto, b) referir-se à evolução diferencial das sociedades e, c) expressar a unidade e a

²⁰ REIS, Luiz C. T. dos. Por uma concepção dialética do espaço: o conceito de formação espacial em Milton Santos. *Revista Geografares*, Vitória, vol. 1, n° 1, 2000.

totalidade das diversas esferas – econômicas, políticas e cultural²¹. Por fim o autor menciona o que considera ser controvérsias em torno do conceito formação espacial; basicamente seria considerá-lo como um paradigma na pesquisa em geografia, como proposto por Santos em 1977 no artigo “Society and space: social formation as theory and method” publicado na revista norte americana *Antipode*. Reis (2000) conclui seu trabalho da seguinte forma:

[...] por um lado, a Geografia humana foi bastante enriquecida a partir da contribuição de Milton Santos ao propor a formação socioespacial como paradigma em um importante momento de renovação do pensamento geográfico. Por outro lado, compartilha também da advertência de que os avanços futuros dependerão do envolvimento dos geógrafos de inclinação marxista com os problemas da formação social brasileira e da capacidade de desenvolver a discussão e a aplicação do paradigma formação socioespacial em pesquisas. (REIS, 2000, p. 70).

O trabalho de Guilherme Ribeiro²², *O espaço em por uma nova geografia: resgatando Milton Santos*, nos fora muito sugestivo. Tanto pelo assunto similar ao deste trabalho, quanto à estrutura utilizada para expressar o conteúdo. Segundo autor, baseando nos comentários de Ruy Moreira na obra “Assim se passaram dez anos (A renovação da geografia na Brasil no período 1978-1988)”, justifica a escolha da obra a analisar por ter mudado a Geografia, estabelecendo conceitos e categorias fundamentais. Além do mais Ribeiro menciona que Santos amadurece as idéias apresentadas na obra de 1978 de forma contínua até a obra de 1996.

O referido autor estrutura seu trabalho na mesma ordem que Santos apresenta em sua obra; apresenta a crítica à geografia que até então dificilmente relacionava com os demais saberes e era ‘viúva do espaço’, que possuía uma errônea noção deste objeto, associando as análises espaciais à análise geométrica, configurando uma ciência que não seria social. A segunda parte: Geografia, Sociedade, Espaço, Ribeiro relata ser este o momento mais criativo e original no pensamento de Santos. Repensar o diálogo interdisciplinar e esclarecer o objeto de estudo²³. Santos elege o Espaço Geográfico como objeto, pois ele é capaz de entendimento do todo e depois das partes, e não o contrário; além de defender que o mesmo é uma instância social historicamente constituída. Por fim, a terceira parte trata sobre a construção de uma geografia crítica.

²¹ REIS, Luiz C. T. dos. *Por uma concepção dialética do espaço: o conceito de formação espacial em Milton Santos*. Revista Geografares, Vitória, vol. 1, n° 1, 2000 p.65.

²² RIBEIRO, Guilherme. *O Espaço em por uma Nova Geografia: Resgatando Milton Santos. Anais: VI Congresso Brasileiro de Geógrafos: 70 anos de AGB, Goiânia, 2004.*

²³ Ribeiro expressa sobre o objeto de estudo “como sendo um olhar do pesquisador para o empírico, aquilo que qualifica a percepção do cientista na busca da compreensão do mundo”.

Ribeiro relata que nesta parte estão os germes de suas reflexões posteriores, culminando na obra *A natureza do espaço*. Idéias referentes ao papel da técnica na evolução do espaço com suas categorias: forma, função, estrutura e processo. Além de atentar para a importância da inércia dinâmica/rugosidade espacial, o papel do Estado na produção do espaço e da formulação da categoria *formação sócio-espacial*, originada da formação econômica e social marxiana. Em síntese, elucida da seguinte forma:

É com o Homem que Santos está preocupado. Mas seu caminho metodológico para o entendimento daquele foi o espaço geográfico. Quando Santos olhava para o espaço geográfico, ele via o Homem alienado, explorado e submetido a um sistema que a tudo deseja transformar em mercadoria. Mas simultaneamente, esse mesmo Homem, sendo um ser dotado da capacidade de ação, de práxis, poderia fazer com que este mesmo espaço deixasse de ser sua prisão e passasse a ser sua casa. Era Milton cheio de utopia sobre o futuro. Era Marx que vivia em Milton. À ciência que se impôs à sua vida ele decidiu fazê-la objeto de denúncia, de possibilidades, de futuro. Por uma Geografia Nova pode, perfeitamente, ser lido como Por um Homem Novo. É Sartre geografizado por Milton. É o Homem que anseia por um espaço socializado, humanizado, e não um espaço abstrato, econômico, reduzido ao plano da ideologia. É um Homem que, reclamando seu direito ao espaço, retirando forças num lugar que é palco do encontro, do uso e não da troca, se realiza integralmente, por inteiro, sem dicotomias. É Santos dialogando com Lefebvre. (RIBEIRO:2004).

5. Reflexões

5.1. Momentos 1978 e 1996.

Pretendo valorizar os momentos 1978 e 1996, datas em que Santos publica as referidas obras (*Por uma Geografia Nova*²⁴ e *A Natureza do Espaço*²⁵), no entanto usamos edições posteriores, o que acredito não prejudicar o trabalho. Santos fora exilado devido à ditadura militar, e regressara em 1977. Acreditamos que neste momento o referido autor tivera maior contato com as idéias marxistas o que influenciou seu envolvimento político com o fazer ciência proposto em sua obra de 1978, ao nosso ver é fruto também de uma repressão, onde todo vícios político de uma sociedade, não apenas no fazer ciência, não deveria existir atendendo as necessidades dos repressores. Já na década de 90, a sociedade nunca estivera tão global, ocorrera um processo de aprofundamento das interações referentes ao social causado pela nova tecnologia em posse da sociedade. Todo um conjunto de interações econômicas, políticas, culturais e espaciais proporcionaram o que muitos chamam de globalização, impondo uma dinâmica global à todas as partes do mundo, Santos vem nos alertar neste momento em sua teoria social, para a força do lugar.

Como antes mencionamos, Milton Santos é o autor em destaque neste estudo que tem como foco principal dialogar sobre alguns aspectos do objeto de estudo da ciência Geografia em seu pensamento em duas de suas obras. Dezoito anos se passaram de uma obra à outra, em uma extremidade se encontra uma problemática, uma necessidade de mudança. Além de uma situação de viúves espacial que dificultava uma relação conjugal com as demais ciências e consigo. Numa outra extremidade encontramos o que o autor nos oferece a ‘solução’ operacional.

Buscando apreciar o espaço temporal existente entre uma obra e outra, intenciono além de destacar suas definições sobre Espaço, identificar possíveis alterações entre as suas conceituações. Mesmo Santos mencionando uma “tentativa” de definição sobre o objeto de estudo na obra de 1978, contemplando a noção de uma dinâmica (fixos e fluxos) que envolve as formas espaciais dotadas de conteúdos e ações de uma totalidade social que, superando a resistência da herança sócioespacial,

²⁴ SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1986.

²⁵ SANTOS, Milton *A natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e Emoção*. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

“rugosidades”, se espacializa em uma nova forma-conteúdo. É na outra obra *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*, que esquematiza que este entendimento espacial deva ser construído utilizando a noção de sistemas de ações e sistemas de objetos.

A proposta do autor quanto à necessidade de uma nova Geografia, a princípio se explica por estar, obrigatoriamente, sujeito às leis do movimento, da renovação. Ele afirma que a realidade social é mutável e o pensamento científico tem que ser capaz de acompanhar esta mudança. Além das intenções políticas mencionadas anteriormente, acompanhar estas mudanças pressupõem construir categorias analíticas novas segundo as novidades da realidade social. A “nova” geografia surge com uma nova postura, com uma nova intencionalidade, deixa de discutir sobre o que é geografia e passa a se preocupar mais com seu objeto, intencionando uma transformação social, desmascarando ideologias.

A publicação *Por uma nova geografia* surgira num ‘ambiente’ repleto de discussões em busca de romper com a corrente tradicional e teórico-quantitativa firmando críticas fundamentadas no materialismo histórico e na dialética. Uma das grandes contribuições, aqui direcionadas ao autor, fora a concepção de Espaço Social através da “formação sócio-espacial”, afirmando uma indissociabilidade entre Sociedade e Espaço. Sendo assim, modo de produção, formação sócio-econômica e Espaço são categorias interdependentes. Por um lado pela impossibilidade do social formar-se sem recorrer ao Espaço, e de outro, o espaço só é inteligível socialmente. O envolvimento social com o Espaço vai além da existência material, pois este é o corpo para os significados e símbolos como para as ações.

[...] o espaço, como as outras instancias sociais, tende a reproduzir-se, uma reprodução ampliada, que acentua os seus traços já dominantes. A estrutura espacial, isto é, o espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada-subordinante. E como as outras instancias, o espaço embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia que se manifesta por meio de leis próprias específicas de sua própria evolução. (SANTOS, 1986, p. 145)

A organização espacial dada pelos homens desempenha seu papel na sociedade; objetos técnicos dispostos na superfície terrestre compõem a materialidade social, exercendo funções específicas dotadas de significados.

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais

que estão acontecendo diante dos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares. (SANTOS, 1986, p. 122)

O autor propõe categorias analíticas para se trabalhar/desvendar/representar o Espaço; defende que o entendimento da dinâmica espacial deva utilizar as categorias (*estrutura, processo, função e forma*) sem dissociá-las, atentando para a questão de totalidade, da escala e de processo, além de um “sistema” que estrutura a conexão/relação entre os conceitos operacionais (*organização espacial, paisagem, território, região, lugar*).

Na obra de 1978, para os estudos geográficos fora apresentado a possibilidade de trabalhar com dois pares de categorias, a configuração territorial (ou espacial) e as relações sociais. Seus apontamentos questionam sobre a errônea dialética entre relações de produção e modos de produção. Esclarece que esta configuração não é Espaço, possui uma materialidade que lhe é próprio, mas a vida é o Espaço que a possui, a existência real só é dada à materialidade graças às relações sociais.

Dezoito anos se passaram após “*Por um novo homem*”²⁶, várias publicações do autor retratam o amadurecimento de suas idéias; culminando na publicação “*A Natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*” em 1996.

Toda uma busca teórica de conceituar/operacionalizar o objeto (Espaço), culmina em fundamentar uma teoria do lugar, como o título da última parte do livro de 1996 sugere; *A força do Lugar*. São assuntos que edificam sua teoria social, alicerçada em 1978, com a noção de Espaço (fator, instância, produtor, produzido), como estrutura e totalidade em movimento; por fim, sistemas de objetos e sistemas de ações.

Inicialmente, pretendemos falar de *sistemas* [objetos e ações sendo dados técnicos e atualmente científicos, que produzem informações, assim como a configuração espacial]; ressaltando que a sua análise leva à elaboração de modelos²⁷

²⁶ Expressão de Guilherme Ribeiro, fazendo uma observação à obra de 1978, na qual Santos expõe sua ânsia por um espaço mais humanizado.

²⁷ SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1986, p.65-6. “Um modelo é, sem dúvida uma representação da realidade, cuja aplicação, ou uso, só se justifica para chegar a conhecê-la, isto é, como hipótese de trabalho sujeita a verificação. Da mesma maneira que dos fatos empiricamente apreendidos se chega à teoria por intermédio de conceitos e de categorias historicizadas, volta-se da teoria à coisa empírica através dos modelos. Dessa forma e com ou sem intuito de reformula-la, submete-se a teoria a um teste, pois a realidade não é imutável. Assim, o modelo se encontra no mesmo nível do conceito neste caminho incessante de vaie-e-vem, do fato cru à teoria e desta, de novo, ao empírico.”

imensamente funcionais, pois assim se adquire cientificidade²⁸ – o ‘legado’ de Santos está em incorporar o fator tempo (espaço-temporal) na análise dos fatos sociais.

Ainda mencionando sobre modelo, Santos descreve que:

Em cada situação de lugar, o modelo seria definido de duas maneiras. De um lado, ele é considerado como o conjunto de sistemas locais tomado em um mesmo momento histórico e em lugares diferentes no interior de um mesmo espaço. Do outro lado, o modelo pode ser construído a partir da simulação da evolução do tempo dos sistemas locais, cada um dado como resultado um outro sistema local. O primeiro seria o modelo descritivo o segundo o modelo evolutivo enquanto os modelos com caráter de previsão levarão em conta os modelos evolutivo e descritivo a fim de permitir a compreensão dos dinamismos verticais e horizontais, isto é, a totalidade dos mecanismos e das tendências sem os quais nenhum modelo de previsão é possível. (SANTOS, 1986 p. 62)

Qual a finalidade de criar sistemas em Geografia? Este questionamento é para evidenciar os vícios no uso de palavras que utilizamos quando referimos a qualquer conjunto de elementos, sejam eles materiais ou não. Suas relações explicam uma dada ‘totalidade’, desde as idéias e o Espaço quanto a totalidade denominada vida! Basta classificar, colocar em hierarquias e relacionar os elementos em um conjunto, se tem um sistema.

Não pretendemos desconstruir neste trabalho a idéia que possibilita operacionalidade (idéia de técnica e cientificidade), mas duas observações devem ser feitas; uma diz respeito à Matemática, que nos possibilita trabalhar com noção de infinidade tanto do universo micro como macro; devemos tomar cuidado quanto a isso, pois fora da matemática há limites a considerar²⁹. Além do mais, é necessário refletir os números e não só encontrá-los. A outra observação é a simplificação da Vida em elementos que irão caracterizar a atividade de viver, suas funções orgânicas; a vida deve possuir um outro status diante aos olhos humanos – inclusive no fazer ciência. Afirmamos, devido à natureza das variáveis envolvidas; que relacionam-se com significados sobre as influências da herança – tanto biológica, social quanto espacial, e por necessitar de sentido diante os olhos dos homens³⁰.

Santos destaca que devemos nos preocupar com a definição de Sistema, da mesma forma que conceituar as variáveis. Por um lado, devemos abrir mão da definição clássica que relaciona partes e introduzir a noção de totalidade ao sistema, dividindo-o

²⁸ Cf. nota 2.

²⁹ Em Geografia, o nível macro ainda é o planeta Terra, no caso micro é o Lugar, uma instância pontual.

³⁰ Na teoria do lugar, Santos aborda questões que envolvem o que chamo de íntimo humano do evento/ações; refiro-me às questões psíquicas humanas em que o referido autor irá trabalhar relatando sobre Psicofera e Tecnofera.

em sub-sistemas interligados [autônomos] que se sucedem de forma regulamentada³¹. Por outro lado, sua operacionalização só se dará também se corretamente qualificarmos a quantidade e vice-versa.

Quanto à totalidade, Santos menciona que, enquanto geógrafo devemos nos preocupar em tratar sistematicamente a questão, partindo da totalidade concreta para examinar as relações entre a totalidade-mundo e os lugares. Relata ainda que é errônea a ambição por parte dos geógrafos apreender a realidade em sua totalidade:

Cabe, sem dúvida, ao geógrafo propor uma visão totalizante do mundo, mas é indispensável que o faça a partir de sua própria província do saber, isto é, de um aspecto da realidade global. Para isso, a primeira tarefa é a construção de uma filosofia menor, isto é, uma meta geografia que ofereça um sistema de conceitos capaz de reproduzir na inteligência, as situações reais enxergadas do ponto de vista dessa província do saber. A primeira tarefa, sem a qual o requisito da pertinência não será atingido, é bem circunscrever o nosso objeto de trabalho.(SANTOS, 2004, p.114)

Em ambas as obras, Santos utiliza “constantemente” a noção de sistema para entender o objeto de estudo geográfico; esclarece que caso haja problemas em sua definição, conseqüentemente impede a compreensão espacial. Metodologias quantitativas clássicas (essencialmente matemáticas) não incorporam a noção tempo em movimento, cada vez mais frágil por limitar-se a reconhecer uma ordem de “fotografias” espaciais, instâncias congeladas sucessivas acompanhadas de meras relações. O autor chama a atenção para o fato de que o conhecimento sobre o espaço não se esconde atrás das relações e sim dos processos!³²

Para operacionalizar o objeto geográfico e reconhecer ‘sistematicamente’ sua natureza, deve estar clara a definição de sistema; assim Santos define:

Os sistemas se definem por um nóculo, uma periferia e a energia mediante a qual as características pioneiras elaboradas e localizadas no centro, conseguem projetar-se na periferia a qual será então modificada por elas. (SANTOS,1986, p. 57)

Os sistemas são substituídos, modificados segundo a percepção para com a realidade e quanto o próprio movimento desta! O novo surge a cada momento, e quando este nos permite percebê-lo, um novo sistema deve ser estabelecido para incorporá-lo.

³¹ SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1986, p.58. Não adianta considerar o Espaço total se não considerarmos a sociedade em sua totalidade, só há configurações dos objetos espaciais quanto há relações sociais. O espaço resulta da sucessão de sistemas, como defende Santos onde as partes da sociedade-espaço são interdependentes; e quando há mudanças na parte, há possibilidade de ocorrer efeitos de grande porte.

³² Criticando as ‘relações’ entre pedaços do espaço sem considerar a totalidade e, a incapacidade dos modelos matemáticos de apreenderem o tempo em movimento, Santos menciona que: “O conhecimento real de um espaço não é dado pelas relações e, sim, pelos processos”.

Por outro lado, “sempre um sistema substitui um outro porque o sistema espacial é sempre a consequência da projeção de um ou vários sistemas históricos.”³³

A noção de sistema é mais explicitamente utilizada por Santos em sua obra mais recente *A Natureza do Espaço*, alegando que a Geografia deve se ocupar de um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Nunca tomados separadamente! Pois assim como os objetos são povoados de ações, estas são igualmente embutidas de artificialidade. O ocupar da Geografia, sua prerrogativa está no exercer manipulações em seu objeto de estudo; objeto que Santos constitui da seguinte forma:

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. (SANTOS, 2004, p. 63)

E mais, referido à dinâmica e transformação espacial, escreve:

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem, de um lado, os objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. (SANTOS, 2004, p. 63)

Agora basta esclarecer sobre as partes desse sistema espacial – objetos e ações. Lembrando que esta proposta, visa substituir, como antes mencionado, a dialética que tem separadamente de um lado forças produtivas e de outro, relações de produção; por uma que tem, de forma integral e envolvendo o Espaço, sistemas de objetos (forças produtivas) e sistemas de ações (relações sociais).

Introduzindo a descrição sobre o que seria um objeto, Santos o diferencia de coisa³⁴ mencionando um fato; hoje em dia, os objetos tomam o lugar das coisas, ou seja, “a natureza se transforma em um verdadeiro sistema de objetos e não mais de coisas”³⁵. Qualquer coisa, ao fazer parte do social, se torna objeto; isso se explica pela necessidade e intencionalidade operacional que a mesma possui. Portanto;

Para os geógrafos, os objetos são tudo o que existe na superfície da Terra, toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou. Os objetos são esse extenso, essa objetividade, isso que se cria fora do homem e se torna instrumento material de sua vida, em ambos os casos uma exterioridade. (SANTOS, 2004, p. 72-73).

³³ SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1986. p.57.

³⁴ Coisas, elaboração natural, e objetos elaboração social.

³⁵ *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p.65.

O que nos resta é encontrar o valor social dos objetos, sua lógica de funcionamento e sua distribuição espaço-temporal para tratá-los geograficamente, graças à definição do objeto de estudo desta ciência proposta por Santos. Sendo objetos e ações indissociáveis, é possível estabelecer uma lógica, que é ao mesmo tempo é dada por uma realidade original fruto de uma história passada em um lugar, e por uma lógica de funcionamento e significação atual, presente. O valor e o significado do objeto reside no papel que empenha no processo social.

Quanto à ação, esta é exclusivamente de natureza humana, pois só os homens, seja individualmente ou em instituição, têm finalidades, objetivos, metas. A Ação pressupõe orientações regulamentadas, processos e meios para a execução.

As ações resultam de necessidades, naturais ou criadas. Essas necessidades: materiais, imateriais, econômicas, sociais, culturais, morais, afetivas, é que conduzem os homens a agir e levam funções. Essas funções, de uma forma ou de outra, vão desembocar nos objetos. Realizadas através de formas sociais, elas próprias conduzem à criação e o uso de objetos, formas geográficas. (SANTOS, 2004, p. 83)

Geograficamente, é necessário ter as categorias objetos e ações de forma unitária e sistemática. As ações dão sentido aos objetos e estes ‘qualificam e quantificam’ as ações graças ao conteúdo técnico. Ressaltamos que há uma horizontalidade que distribui os objetos (nunca, aleatoriamente) e uma verticalidade (técnica) que os conectam, caracterizando ações geográficas.

Responder a questão que propusemos, mencionando sistemas e geografia, só é possível se entendermos e caracterizarmos as técnicas. “As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”³⁶. Elas participam, sempre sistematicamente³⁷, tanto da produção do Espaço quanto para empiricizar o tempo; além do mais, “uma técnica nunca aparece só e jamais funciona isoladamente”, como insiste Santos³⁸.

A proposta de Santos para com a abordagem Geográfica é, considerar Tempo e Espaço numa forma uma (unicidade), pois ambos se encontram na materialidade produzindo o existir. Tempo e Espaço é uma coisa só, metamorfoseando um no outro³⁹; em um movimento único. A união numa abordagem epistemológica totalizadora – sua operacionalização – deve preocupar-se com o que lhes são empírico, seu funcionamento

³⁶ SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p.29.

³⁷ *Ibid.*, p.176 “A vida das técnicas é sistêmica e sua evolução também o é.”

³⁸ *Ibid.*, p.175.

³⁹ *Ibid.*, p.53.

utilizando a base material. E é aqui que entra a técnica, como união histórica e epistemológica.

A questão que aqui se coloca é a de saber, de um lado, em que medida a noção de espaço pode contribuir à interpretação do fenômeno técnico, e, de outro lado, verificar, sistematicamente, o papel do fenômeno técnico na produção e nas transformações do espaço geográfico. (SANTOS 2004, p. 45)

As técnicas, de um lado, dão-nos a possibilidade de empiricização do tempo e, de outro lado, a possibilidade de uma qualificação precisa da materialidade sobre a qual as sociedades humanas trabalham. Então, essa empiricização pode ser a base de uma sistematização solidária com as características de cada época. Ao longo da história, as técnicas se dão como sistemas, diferentemente caracterizadas. (SANTOS, 2004, p. 54).

Defendendo que a técnica⁴⁰ é a principal forma de relação entre o homem e o meio⁴¹, Santos faz menção a Sorre⁴², descrevendo que a noção de técnica “estende-se a tudo que pertence à indústria e à arte em todos os domínios da atividade humana”; reportando-se igualmente às idéias de Pierre Gourou⁴³ sobre eficácia paisagística relata a possibilidade de medir a civilização pelo próprio nível de técnicas. Esta eficácia é contestada em seguida por Santos; ao mencionar que Paisagem e Espaço são diferentes, questiona quem verdadeiramente a possui?

Apreciamos a idéia de que na técnica existe uma esfera de ordem-racionalidade-conscientização-intencionalidade-invasão-ilusão; que por si só é um meio e uma noção de evolução/utilização, pois se apóia na noção de território e rugosidade, justificando sua difusão ser desigual e seletiva. É o trabalho⁴⁴ humano que utiliza as manifestações do Espaço e do Tempo mediado pela técnica, ou melhor, por um sistema técnico; enquanto que a divisão territorial do trabalho o responsável pela desigual e seletiva difusão.

Um outro legado da técnica, por referir-se a uma natureza humana, é que além do dado constitutivo (operacional) do Tempo-Espaço, se refere à percepção dos mesmos (Tempo-Espaço), ela também participa da percepção deles; “o que há são evasões

⁴⁰ SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p.23. “Vista sob um tríplice aspecto: como reveladora da produção da história da realidade; como inspiradora de um método unitário (afastando dualismos e ambigüidades) e, finalmente, como garantia da conquista do futuro, (...) e sejamos guiados, em nosso método, pelo fenômeno técnico visto filosoficamente, isto é, como um todo”.

⁴¹ *Ibid.*, p.29.

⁴² SORRE, Maximilian. *La notion de genre de vie et as valeur actuelle*. 1948 *apud* SANTOS, Milton *Op. cit.*, p.35.

⁴³ GOUROU, Pierre. *Pour une géographie humaine*. 1973, *apud* SANTOS, Milton *Op. cit.*, 2004, p. 34.

⁴⁴ Cf. GELLNER; Ernest in: *A Psicanálise enquanto instituição social*. 1989, *apud* SANTOS, Milton. *Op. Cit.*, p. 255. Como “nosso meio ambiente é hoje construído só de outras pessoas e de significados [...] o que chamamos trabalho é, na verdade manipulação de significados e de outras pessoas”.

recíprocas entre o operacional e o percebido”⁴⁵. Resultado, como meio operacional é uma avaliação objetiva, como meio percebido é subjetiva; assim a avaliação é a síntese entre o objetivo e o subjetivo.

Esta informação nos é importante por introduzir o papel (comportamento) do lugar nos sistemas espaciais e na sua dinâmica, pois as atividades, comportamento do homens envolve aspectos objetivos e subjetivos. Cabe a nós também pensar nas redes⁴⁶, pois esta também participa da evolução social-espacial, seus elementos técnicos proporcionam o corpo do cotidiano.

As redes são formadas por troços, instalados em diversos momentos, diferentemente datados, muitos dos quais já não estão presentes na configuração atual e cuja substituição no território também se deu em momentos diversos. Mas essa sucessão não é aleatória. Cada movimento se opera na data adequada, isto é, quando o movimento social exige uma mudança morfológica e técnica. A reconstituição dessa história é, pois, complexa, mas igualmente ela é fundamental, se queremos entender como uma totalidade a evolução de um lugar. (SANTOS, 2004, p. 263).

A importância atribuída ao Lugar nos estudos de Milton Santos é algo que perpassa nas duas obras analisadas neste trabalho. Entretanto, observa-se uma inquietação do autor quanto a este tema na primeira obra referida, que viera a ser contemplada na obra *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*, talvez por influência da psicologia ou talvez pelas críticas da geografia “humana” (ou ambos). Como antes mencionamos, Santos propõe uma teoria do lugar ao teorizar o espaço. Uma de suas contribuições apresentadas pelo autor se refere ao denominado “Tecnosfera” e a “Psicosfera”. A primeira, *mundo dos objetos*, pautada na tecnologia e na ciência, cria próteses territoriais nos lugares. Já a segunda, *mundo das ações* viria estimular o imaginário. Nas palavras de Santos

A tecnosfera se adapta aos mandamentos da produção e do intercâmbio e, deste modo, freqüentemente traduz interesses distantes; desde, porém, que se instala, substituindo o meio natural ou o meio técnico que a precedeu, constitui um dado local, aderindo ao lugar como uma prótese. A psicosfera, reino das idéias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido também faz parte da produção desse ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário. Ambas – tecnosfera e psicosfera – são locais, mas constituem produto de uma sociedade bem mais ampla que o lugar. Sua inspiração e suas leis tem dimensões mais amplas e mais complexas. (SANTOS, 2004, p.256).

⁴⁵ SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p.55.

⁴⁶ SANTOS, Milton. *Op. Cit.*, p.262. Nos aspectos materiais referentes à infra-estrutura que as constituem; quanto nos aspectos sociais e políticos, evidenciados pelas mensagens e valores que os freqüentam.

Neste estudo, considerando que “O lugar é o depositório final, obrigatório, do evento”⁴⁷, iremos abordá-lo como extremidade do sistema espaço. Sabendo que a análise sistemática proposta sugere sucessão-sobreposição de sistemas de sistemas, considerar extremidade vem do fato de ser no lugar que os homens sentem os eventos, o global se tornar local e vice-versa. Assunto abordado a seguir, no item c.

5.2. *Objetos-Ações e seu ‘Presente’ Alienante*

Presente enquanto momento atual, e quanto a um conteúdo presenteado é o sentido que pretendo trabalhar nesta etapa. Pretendemos mencionar que a produção da inteligência planetária como Santos propõe, é uma sucessão dos ‘Meios’ – natural ao técnico-científico-informacional; defendendo assim a unicidade técnica e do Tempo-Espaço na atualidade. Mas nem sempre fora assim...

No primórdio dessa história encontramos uma natureza ‘natural’, com o qual podemos mencionar sobre uma diversificação natural pura. Dado a presença dos homens em sociedade, surgira uma diversificação social desta natureza⁴⁸, graças ao trabalho. Sendo a divisão do trabalho um motor da vida social e da diferenciação espacial⁴⁹; e sendo esta impregna ao Espaço, por produzi-lo, tornando-se herança ao próximo momento histórico. Assim, não mais podemos dizer diferenciação da natureza e sim, como defende Santos, divisão territorial do trabalho. Esta divisão, ao mesmo tempo em que reparte o trabalho vivo que é a atual dinâmica do trabalho a sociedade, respeita o trabalho morto, que dá o caráter territorial desta divisão, pois é o ambiente já construído. Relações Sociais acontecendo em conformidade com uma distribuição de objetos técnicos e regulamentos políticos e econômicos, acabam por consumir e produzir no lugar, o ambiente que o homem mora. Este consumo-produção espacializam formas que tendem a perdurar mais que suas funções fundadoras, pioneiras. Em outras palavras, envolveria a noção de *rugosidade* de Milton Santos ou de *Prático-inerte*⁵⁰ de Sartre.

⁴⁷ SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p.144.

⁴⁸ Natureza agora apreciada como recurso.

⁴⁹ SANTOS, Milton. *Op. cit.*, p.129.

⁵⁰ *Ibid.*, p.140. Segundo Santos, esta categoria refere à prática depositada nas coisas (objetos) condicionando novas práticas, entretanto, propõe uma outra denominação, *inércia dinâmica*, referente ao espaço. Utilizando das palavras de John Stuart Mill, menciona que para o tempo atual, o passado constitui uma espécie de “escravidão das circunstâncias anteriores”.

Chamemos rugosidades ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço-fator. Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos da divisão do trabalho já passadas (todas as escalas da divisão social do trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho. (SANTOS, 2004, p. 140).

As rugosidades espaciais são a conexão material do presente com o precedente; além, de (pré-) condição para um posterior. Tentando evidenciar a continuidade espaço-temporal, o “novo nascer velho”, ou seja, há conectividade de um momento espaço-temporal específico (local e global), concreto para o surgimento (nascimento) de um novo espaço. Como se o novo fosse viciado ao velho, ao anterior, preservando e respeitando (pois o velho é um fator-instância) algumas de suas manias⁵¹! As rugosidades contam além de heranças físico-territoriais, heranças socioterritoriais ou sociogeográficas; impondo resistência ao novo. Com isso, Espaço e Sociedade vivem uma metamorfose ‘limitada’.

Quanto à história dessa metamorfose, ou melhor, da evolução sócio-espacial, esta está relacionada com as sucessivas etapas dos sistemas técnicos, segundo Santos. Sistemas sucessivos, porque jamais uma técnica funciona em isolamento e devido também, a uma acumulação de conhecimento provocada pela evolução das técnicas. Esta evolução distingue uma etapa da outra pela forma de fazer, agir, produzir em geral. No início da história social existia uma diversidade de sistemas quanto à de grupos humanos⁵²; enquanto que no estágio atual da economia mundial há a emergência das unicidades⁵³ – técnica, do tempo e do motor da vida social.

Santos estabelece três etapas referentes a história do meio geográfico: o meio natural, o meio técnico e o meio técnico-científico-informacional. Quando tudo era meio natural, ocorria um casamento (simbiose) entre as técnicas e o trabalho com as dádivas da natureza. Nos diversos lugares os homens selecionavam da natureza seus

⁵¹ O novo só nasce novo quando há mudança de paradigma... Assim há o revolucionário, a nova história, o novo espaço, o novo conteúdo, a nova vida...

⁵² SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p.189.

⁵³ A unicidade técnica é fruto de um contágio, de uma imposição tecnológica realizado por grupos sociais mais favorecidos (hegemônicos) em trocas ‘produtivas’ desiguais, sendo relevante mencionar desterritorialização e reterritorialização das técnicas, diminuindo a diversidade de sistemas técnicos até a unicidade atual. A unicidade do tempo, a convergência dos momentos, pressupõe uma base técnica capaz de possibilitar velocidades incríveis, desde a instantaneidade da condução da informação, quanto da redução do tempo dos deslocamentos. O motor único é uma mais-valia global, onde atores internacionais, organizados sistematicamente em rede produzem uma mundialização – produtos, cultura, dinheiro, produção, consumo, política... – que arrasta todos os lugares.

aspectos fundamentais à própria sobrevivência; e através das técnicas a modificava. Neste momento havia “sistemas técnicos sem objetos técnicos”⁵⁴. O meio técnico emerge do espaço mecanizado, os objetos deixam de ser apenas culturais ou naturais e passa a ser ao mesmo tempo técnico. Os mesmos deixam de ser um prolongamento do corpo para ser uma verdadeira prótese do território, passando a ser estranhos à lógica do lugar respondendo a ordens de ‘fora’, graças a divisão do trabalho que se estabelece. O meio técnico-científico-informacional emerge do casamento da técnica com a ciência e devido à intencionalidade da produção, os objetos portam e necessitam de informações para funcionarem. Neste momento há um adensamento espacial e a comunhão de uma unicidade global; os sistemas de objetos técnicos (fixos) suportam e necessitam de fluxos em geral cada vez mais densos, velozes e instantâneos. Além do mais, o homem passa a poder acompanhar os movimentos da natureza e da sociedade em escala planetária, seu potencial para conhecer/saber⁵⁵ muda e com isso não só, poder imaginar e constatar, mas também representar progressos, evoluções na mesma escala, com maior precisão.

A alienação é um tema explicitamente abordado por Santos, acredito que este seja mais um dos resquícios herdados do pensamento marxista. Dando princípios espaciais-sociais-tecnológicos-temporais, e que, o trabalho, paralelamente às unicidades e a nova cara da mais-valia no processo de internacionalização e de intercâmbio, o autor defende que a aceitação da alienação é a base da atual divisão do trabalho⁵⁶. O autor também apresenta a “contra partida” a esta dinâmica, apresentado a força do lugar; tema que será abordado no próximo item.

Dado a tecnologia implantada nos objetos e na sua organização, “vivemos o tempo dos objetos”, como descreve Santos nas palavras de Baudrillard⁵⁷, respeitamos o ritmo que estes (atores, ou como propõe Sartre, sujeitos) impõe a nós. ‘Ontém’ os objetos nos eram subordinados, enquanto que ‘hoje’, “estes apoderam de nosso cotidiano”⁵⁸. Num primeiro momento havia uma relação de pertencimento, a sociedade e seu indivíduos viviam seus objetos, no presente momento, os mesmos são estranhos

⁵⁴ SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p.236.

⁵⁵ Capacidade técnica-científica de acompanhar o movimento da natureza, seja ela a primeira ou a segunda!

⁵⁶ SANTOS, Milton. *Op. Cit.*, p.224.

⁵⁷ BAUDRILLARD, Jean. *La société de consommation, 1970, apud SANTOS, Milton. Op. cit.*, 2004 p. 213.

⁵⁸ SANTOS, Milton. *Op. Cit.*, p.214.

aos indivíduos, imperando uma relação prática com a sociedade; que opera o Espaço em totalidade com os princípios de competitividade.

A idéia de alienação, já proposta por Marx, impõem com mais força, diante da relativa inanidade de nossa oposição aos objetos atuais. A submissão do produtor diante do objeto produzido é, para B. Ollman (1971, p. 46), uma das causas da alienação contemporânea. (SANTOS, 2004, p. 214)

Fruto da inteligência humana buscando se instrumentalizar para uma função, os objetos técnicos possuem um passado de construções metódicas, intencionais e competitivas; “os objetos não mais nos obedecem”, segundo Waffesoli⁵⁹ também citado por Santos. Além das características dos sistemas técnicos atuais⁶⁰, uma outra questão é o processo de hierarquização; tanto espaço-temporal observado nas rugosidades, tanto quanto é um processo de natureza histórica (processual e cumulativa) da sociedade e suas ações também hierárquicas.

Como antes mencionamos, o tempo do mundo respeita um só marca-passo, por um lado há uma totalidade que é o Tempo-Espaço e por outro, esta totalidade sendo vivenciada nos lugares de forma singular, devido a questões de organização (tecnologia) espacial. Por marca-passo, referimos ao controle dos eventos⁶¹ – resultado de vetores que levam a uma nova função ao meio preexistente⁶² – as concretizações das ações intencionais que envolveriam manipulações sucessivas no Tempo-Espaço pelas tecnologias. Como se a sociedade, utilizando o Espaço que construía, pudesse não apenas estimular, dar impulsos ao fluxo Espaço-Temporal, mas fazê-lo em uma frequência. Desta forma, conseguimos amalgamar à questão do cotidiano a repetição mecânica. Basta pensar no relógio para ilustrar esta idéia, uma “maquininha” que marca o ciclo de nossos afazeres cotidianos, ou pensar nos veículos, cada vez mais velozes, nos proporcionando nova sensações e relações quanto ao deslocamento.

No entanto, cotidiano [cultural] e repetição necessita de outras observações adicionais ao ciclo, à rotina do cotidiano, marcando por ter hora para tudo, muito bem ‘agendadas’; lazer, trabalho, descanso, receber o salário, tirar férias... Uma diz respeito

⁵⁹ WAFFESOLI, Michel. *Tóquio cria o barroco Pós-moderno*. 1989, apud SANTOS, Milton. . *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p.217.

⁶⁰ SANTOS, Milton. *Op. cit.*, 2004.p.214-215. As mais significativas segundo o autor são; “1. universalidade e auto-expansão, 2. vida sistêmica, 3. concretude, 4. conteúdo em informação, 5. intencionalidade.”

⁶¹ *Ibid.*, p.196. Um evento só acontece num dado momento temporal e num dado lugar; “é uma manifestação corpórea do tempo histórico, algo como se a fecha do tempo apontasse e pousasse num ponto dado da superfície da terra, povoando-o como um novo acontecer”.

⁶² *Ibid.*, p.95.

ao comportamento cultural, este só se torna expressão no Espaço e sua singularidade também se constituir pela sua produção material. Uma outra, é a questão tecnológica do Espaço, este, sendo dotado por uma distribuição específica de objetos técnicos que comportam a produção, irão ditar a possibilidade de propagação “cultural” e sua materialização. Uma última observação, apóia-se na noção de escala, em duas acepções ligadas aos eventos; “a primeira é a escala de ‘origem’ das variáveis envolvidas na produção dos eventos. A segunda é a escala do seu impacto, de sua realização”.⁶³

Acreditamos ser um erro considerar as modificações espaciais nascidas apenas das utilidades das transformações; se assim for, o pensamento sistêmico é perfeito para explica-lo; mas buscamos (deveríamos) dar sentido ao mundo ao invés de simplesmente utilizá-lo tecnicamente.

Pensando em um encontro mais claro entre o próprio corpo humano com o que concebe ser o Espaço, observamos que o autor busca uma noção espacial mais envolvente com a vida e com o humano, por mais sistemático que seja. Não apenas com o papel ativo do Espaço na evolução social, mas como uma dimensão do cotidiano da vida⁶⁴, tornando-o não só uma subordinação às exigências socioespaciais fundamentadas numa relação de poder, mas com uma relação afetiva do homem com o lugar onde se encontra.

Espaço, concretude e abstração humana, sendo externo aos homens da mesma forma que os objetos pensados são externos ao pensamento; é uma *forma durável em ação*, é apenas inteligível através da sociedade; numa instância, por participar do imaginário dos homens enquanto forma necessária, desejada, percebida, representada e indispensável à vida; e noutra, por ser durável, enquanto herança material no movimento temporal que incessantemente impõe mudança, mas sofre “resistência-seletiva”⁶⁵ ao que vem a ser novo.

5.3. *Lugar; periferia do Sistema Espaço*

Em que profundidade somos, enquanto indivíduo ou comunidade local, atingidos pelos sistemas técnicos? Onde se esconde a força que luta, ainda que tímida, contra a

⁶³ SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p.152.

⁶⁴ Quanto a dimensão da vida proposta pelo autor, ao meu entender, encontra-se no proposto por tecnosfera e psicofera.

⁶⁵ Além da resistência exercida pelos objetos técnicos herdados, há a seleção entre os diversos lugares devido às singularidades de sua própria localização.

alienação? O que a vida em comum, o cotidiano de um lugar e sua racionalidade humana-social-comunicativa, tem a ver com a temática espacial? Estes são questionamentos que irão dar um rumo a este item, que como antes mencionamos, representa uma opção de abordagem sobre o tema ‘lugar’.

A idéia que entendemos sobre ‘periferia’, sustenta-se ao proposto por Santos em 1978 ao mencionar sobre sistema, mas, estar na periferia não se refere estar longínquo, distante e sim, ocupando um lugar de destaque, central; pois é no lugar que o todo se manifesta. Esta noção vem nos auxiliar na intelecção sobre a dinâmica espacial; considera-se o espaço geográfico como centralidade e os lugares como periferia. A centralidade só é assim em totalidade; tanto espacial quanto social. O todo [possibilidade] comporta e distribui todos os eventos e o lugar [oportunidade] é o seu destino final. Do todo emana a força motriz e (espacialmente) no lugar ocorre a absorção, contorção e retrocessão proporcionando um novo todo.

Cada lugar é teatro de combinações pouco duráveis, cujo fator de mudança é esse dado global. Cada lugar é, assim, a cada instante, objeto de um processo de desvalorização e revalorização, onde as exigências de natureza global têm um papel fundamental. (SANTOS, 2004, p. 225)

Duas questões apresentadas por Santos⁶⁶; o lugar como intermédio entre o Mundo e o Indivíduo, e o fato do lugar ser o mundo à sua maneira. Um dos novos significados do Lugar emerge das considerações do cotidiano. Observo que numa análise espacial, variáveis objetos, ações, técnica e tempo são o que vem a fundamentar; a análise envolvendo o lugar; entretanto, além de todas as racionalidades mencionadas, acrescenta ‘emoção’ na dinâmica do lugar.

Santos menciona que segundo a tipologia da ação social de Weber, “se podem distinguir uma atividade racional visando a um fim prático e uma atividade comunicacional, mediada por símbolos”⁶⁷; e completa mencionando também sobre a fenomenologia técnica proposto por G. Simondon⁶⁸, distinguindo uma ação humana sobre o meio e uma ação simbólica sobre o ser humano; além do realçar feito por Stiegler⁶⁹, opondo uma interação técnica e sua racionalidade, de uma interação mediada por símbolos e pela ação comunicacional.

⁶⁶ SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p.314.

⁶⁷ *Ibid.*, p.315.

⁶⁸ SIMONDON, G. *Du mode d’existence des objets techniques*. 1958, apud SANTOS, Milton. *Op cit.*, 2004, p. 315.

⁶⁹ STILGLER, Bernard. *La technique et le temp, 1. La faute d’Epiméthée*, 1994 apud SANTOS, Milton. *Op cit.*, 2004, p. 315.

É no Lugar que Santos tenta dar uma dimensão mais humana à sua teoria espacial. Diante do lugar que o individual de uma sociedade se depara com o coletivo. É no lugar que ocorre o acontecer solidário; por um lado temos um racionalidade técnica e científica vigente e suas diversas trocas de informação, concomitantemente temos uma comunicação social permeada de significados.

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contigüidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organizações e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 2004, p.322).

Referindo ao totalitarismo da racionalidade⁷⁰, Santos salienta sobre Zonas ‘luminosas’ e ‘opacas’ nas cidades. Nas primeiras, “a ‘naturalidade’ do objeto técnico cria uma mecânica rotineira, um sistema de gestos, sem surpresa”; enquanto que os opacos;

são os espaços do aproximativo e da criatividade, opostos às zonas luminosas, espaços da exatidão. Os espaços inorgânicos é que são abertos, e os espaços regulares são fechados, racionalizados e racionalizadores. (SANTOS, 2004, p. 326).

Santos defende que é na esfera comunicacional que os pobres se diferem das demais camadas sociais, “reavaliam a tecnosfera e a psicofera, encontrando novos usos e finalidades para os objetos e técnicas e também novas articulações práticas e novas normas, na vida social e afetiva”⁷¹.

Então, o feitiço se volta contra o feiticeiro. O consumo imaginado, mas não atendido – essa “carência fundamental” no dizer de Sartre –, produz um desconforto criador. O choque entre cultura objetiva e cultura subjetiva torna-se instrumento da produção de uma nova consciência. (SANTOS, 2004, p. 326).

⁷⁰ SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p.325. “... aventura vedada aos ricos e às classes médias”.

⁷¹ *Ibid.*, p.326.

6. Considerações Finais.

O que propus neste trabalho foi investigar a proposta de Santos ao que se refere ao Espaço Geográfico, o objeto de estudo da Geografia, dotado de forma e conteúdo. Diante da complexidade e maturidade de seu pensamento, há a possibilidade de uma incompleta compreensão por minha parte. Duas questões básicas explicam este fato: meu processo de amadurecimento acabara de começar e, o recorte que tracei, aborda apenas duas de suas obras, *Por uma Geografia nova: da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica* e *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*.

Ao desenvolver o trabalho, notava um progressivo envolvimento pessoal com o fazer ciência. Rever momentos históricos que a ciência geográfica percorrera ao longo de sua existência; as invenções metodológicas de cada época; as buscas de um envolvimento mais social desta ciência que defende entender o social, mas nem sempre propôs transformá-lo em prol do coletivo. E os próprios momentos revolucionários ao longo de sua história provocaram-me um imenso fascínio e admiração, enquanto um futuro responsável por seu desenvolvimento.

Momentos revolucionários refiro-me ao desfacelar das barreiras entre a Geografia e as outras ciências devido à mania de grandeza ao interpretá-la como uma ciência de síntese que apenas “organizava” os conhecimentos das demais (ausente de um objeto de estudo); a união do Tempo com o Espaço se opondo ao proposto por Kant; momento revolucionário também fora o espacializar o homem ao invés de colocá-lo num ‘pseudo-Espaço’ e a própria construção de um objeto de estudo, produto de uma história. A própria noção de Espaço sofrera imensas transformações até chegar a ser a morada do homem; perpassa por filósofos antigos com noções de espaço sideral, espaço que os objetos ocupam ou sendo um mistério; seja este fruto de uma construção no espírito ou pelas sensações; seja reflexo social sendo palco para uma dinâmica que se acha independente deste; ou até mesmo existir fora do indivíduo; chegando a ser então um fator, uma instância social dotada de autonomia.

Nesta história Geográfica rica de polêmicas quanto ao seu objeto de estudo; seja a superfície da terra, as paisagens, as diferenciações de áreas, o estudo do espaço (categoria do entendimento sendo mais, além do que lhe é empírico; um atributo referente à existência dos seres, já que não há a possibilidade da vida deste fora do espaço; ou o espaço enquanto um ser ou instância com características próprias, específicas, enquanto existência real), ou também sendo o estudo das particularidades

do lugar (seja quanto uma individualidade concreta de uma totalidade socioespacial ou o contato de uma sociedade local com a totalidade mencionada), considero a Geografia um híbrido fruto de toda sua história, pois as heranças do passado não se apagam completamente, apenas mudam de conteúdo-significado. Chamo atenção também para uma herança que ‘paira’ sobre a comunidade científica, o privilégio absoluto para com os clássicos, fruto muitas vezes de confrontos acadêmicos de status. Uma questão é tê-los como referência, outra é como molde fiel a ser seguido.

A proposta metodológica explicitamente sistemática de Santos é o que me provocara imensa inquietação, pois abordar o social, que por mais que esteja seduzido pelas técnicas sistêmicas de intervenção e interação, é ‘ainda’ capaz de agir por emoção, por sensibilidade. Esta noção que envolve o emocional e afetivo é abordado por Santos; no entanto, observo um vínculo maior às questões sistêmicas envolvida com um agir racional. Defendo que o conhecimento é alcançado pelo exercício instrumental observando comportamentos, mas ao referir à sociedade há comportamentos que com racionalidade sistêmica não explicam. É nesta questão que proponho me envolver futuramente, compreender melhor o vínculo do emocional afetivo com a produção do Espaço que necessariamente é dos homens.

Mas a questão é quanto ao objeto de estudo; um instrumento psíquico que, na geografia, utilizamos para tentar compreender o social presente no mundo e nos lugares. Não devemos nos apoiar na sensibilidade para entender o mundo; mas não podemos descartar que a sensibilidade ‘do’, e, ‘no’ Lugar transforma o mundo. Devemos ser otimistas, pois tudo tende a se renovar; o futuro ainda não se fez, as técnicas estão aí, e podem ser utilizadas de outras maneiras. Ou seja, na sociedade vigente existe uma estrutura técnica que permite a obtenção de inúmeras informações, assim como uma melhor comunicação; mas, a racionalidade social prioriza somente a primeira – a informação. A comunicação no mínimo, não permite sofrermos sós e calados.

7. Bibliografia

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.) *Geografia: Conceitos e Temas*. 5ª edição. Bertrand: Rio de Janeiro, 2003.

GODOY, Paulo. Uma reflexão sobre a produção do espaço. *Estudos Geográficos*. São Paulo, v. 2, n.1, 29-42, 2004. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm>>. Acesso em: 11 jun 2007.

MOREIRA, Ruy. *O que é Geografia*. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 – coleção primeiros passos; 48 (1ª Edição, 1980).

_____. *Assim se passaram dez anos (A renovação da Geografia no Brasil no período de 1978-1988)*. Geographia, Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. Niterói/Rio de Janeiro, UFF/EGG, Ano II, nº 3 (2000).

REIS, Luiz C. T. dos. Por uma concepção dialética do espaço: o conceito de formação espacial em Milton Santos. *Revista Geografares*, Vitória, vol. 1, nº 1, 2000.

RIBEIRO, Guilherme. O Espaço em por uma Nova Geografia: Resgatando Milton Santos. *Anais: VI Congresso Brasileiro de Geógrafos: 70 anos de AGB*, Goiânia, 2004.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1986.

_____. *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

Referências indicadas

BUNGE, William. *Theoretical Geography*. Lund: Gleerup, 1966.

HARVEY, David. *Explanation in Geography*. London: Edward Arnold, 1969.

LACOSTE, Yves. *A geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1976.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia – pequena história crítica*. São Paulo: HUCITEC, 1984.

_____. & COSTA, Wanderley Messias da. *Geografia crítica; a valorização do espaço*. São Paulo: HUCITEC, 1984.

MOREIRA, Ruy. *O que é geografia*. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (coleção primeiros passos; 48)